


## **TEMPO DE PRESENÇA: FÉRIAS FAMILIARES, DESACELERAÇÃO E EDIFICAÇÃO DE MEMÓRIAS AFETIVAS NA INFÂNCIA**

### **TIME OF PRESENCE: FAMILY VACATIONS, DECELERATION, AND THE BUILDING OF AFFECTIVE MEMORIES IN CHILDHOOD**

 <https://doi.org/10.63330/armv2n5-078>

Submetido em: 28/05/2026 e Publicado em: 02/06/2026

**Marco Antônio Teixeira de Paula**  
Mestrando em Teologia pela Faculdades EST

**Silvia Clícia Corrêa dos Santos de Paula**  
Mestranda em Teologia pela Faculdades EST

**Charles Klemz**  
Doutor em Teologia pela Faculdades EST

#### **RESUMO**

O presente artigo discute a importância das experimentações familiares vividas durante os períodos de férias escolares como espaços de fortalecimento dos vínculos afetivos, edificação de memórias emocionais e desenvolvimento identitário das crianças. Em uma sociedade marcada pela aceleração, pela hiperconectividade e pela fragmentação das relações familiares, os momentos de convivência integral tornam-se cada vez mais raros. O estudo parte de uma abordagem crítica e teórica fundamentada em autores como Hartmut Rosa, Byung-Chul Han, Donald Winnicott, John Bowlby, Paula Sibilia, Axel Honneth e Carl Rogers, articulando-se às evidências empíricas de Paula, Paula e Klemz (2026) sobre o papel das práticas corporais coletivas no enfrentamento da ansiedade infantojuvenil. Reflete-se, assim, sobre como a presença genuína seja no microssistema familiar ou em espaços de socialização presencial, como o esporte estudantil pode funcionar como resistência à lógica produtivista contemporânea. O artigo também problematiza a substituição da convivência profunda por interações superficiais mediadas pelas plataformas digitais, analisando a necessidade de ressignificação de experimentações significativas e integradas. Conclui-se que as férias familiares e os territórios de vivência concreta, quando vivenciados de forma consciente e afetiva, contribuem diretamente para o fortalecimento emocional, para a constituição de sentimentos de pertencimento e para a criação de memórias duradouras capazes de atravessar a vida adulta.

**Palavras-chave:** Família; Infância; Memória afetiva; Plataformas digitais.



## ABSTRACT

This article discusses the importance of family experiences lived during school vacation periods as spaces for strengthening affective bonds, building emotional memories, and developing children's identity. In a society marked by acceleration, hyperconnectivity, and the fragmentation of family relationships, moments of full coexistence become increasingly rare. The study is based on a critical and theoretical approach grounded in authors such as Hartmut Rosa, Byung-Chul Han, Donald Winnicott, John Bowlby, Paula Sibilía, Axel Honneth, and Carl Rogers, articulating with the empirical evidence of Paula, Paula, and Klemz (2026) on the role of collective bodily practices in coping with child and adolescent anxiety. Thus, it reflects on how a genuine presence - whether in the family microsystem or in face-to-face socialization spaces, such as student sports - can function as resistance to contemporary productivist logic. The article also problematizes the replacement of deep coexistence with superficial interactions mediated by digital platforms, analyzing the need to re-signify meaningful and integrated experiences. It concludes that family vacations and territories of concrete experience, when lived in a conscious and affective way, contribute directly to emotional strengthening, the constitution of feelings of belonging, and the creation of lasting memories capable of traversing adulthood.

**Keywords:** Family; Childhood; Affective memory; Digital platforms.

## 1 INTRODUÇÃO

As transformações sociais das últimas décadas alteraram profundamente a dinâmica das famílias contemporâneas. A aceleração do tempo social, as exigências do mercado de trabalho, a cultura da produtividade e o crescimento das plataformas digitais impactaram diretamente os modos de convivência familiar. Pais e mães passam grande parte do dia envolvidos em suas atividades laborais, enquanto crianças e adolescentes permanecem longos períodos em instituições escolares ou diante de dispositivos digitais.

Nesse contexto, os períodos de férias escolares assumem um contexto significativo que perpassa o simples descanso ou entretenimento. Eles podem representar espaços de reencontro, presença integral, fortalecimento dos vínculos afetivos e reconstrução da convivência familiar. Em muitos casos, é durante viagens, retiros, encontros familiares ou experimentações compartilhadas que pais e filhos conseguem desenvolver diálogos mais profundos, criar memórias afetivas e experimentar formas de presença emocional frequentemente fragilizadas pelo cotidiano acelerado.

A sociedade contemporânea, marcada pela lógica do desempenho, transforma o tempo em produtividade continuamente. Até mesmo os momentos de descanso frequentemente são atravessados pela necessidade de consumo, registro fotográfico e exposição nas redes sociais. Assim, a experimentação



humana perde profundidade e converte-se em espetáculo. Crianças crescem em ambientes onde a presença física nem sempre corresponde à disponibilidade emocional dos adultos.

O presente artigo propõe uma reflexão crítica acerca da importância das férias familiares na constituição emocional e identitária das crianças. Busca-se compreender como a presença familiar durante esses períodos pode contribuir para o desenvolvimento emocional, para a sensação de pertencimento e para a formação de memórias significativas. Além disso, discute-se como a cultura digital e a lógica contemporânea do desempenho interferem na experimentação da convivência familiar.

A pesquisa fundamenta-se em autores relevantes das áreas da sociologia, psicologia, filosofia e desenvolvimento humano, permitindo uma análise interdisciplinar sobre a temática. A proposta não é romantizar as famílias ou ignorar suas dificuldades e fragilidades econômicas e emocionais, mas refletir sobre a necessidade de experimentações afetivas que fortaleçam a edificação subjetiva das crianças em uma sociedade marcada pela dispersão, pelo excesso de estímulos e pela escassez de presença genuína.

Esse tensionamento entre a pressuposta onipresença digital e o esvaziamento da proximidade concreta delimita o percurso analítico deste estudo, que se organiza em cinco eixos integrados de desenvolvimento. Inicialmente, discute-se a aceleração temporal e o esgotamento psíquico sob as lentes de Hartmut Rosa e Byung-Chul Han, avançando para o debate sobre os vínculos de apego e amadurecimento infantil em John Bowlby e Donald Winnicott. Na sequência, a fragilização dos laços e a necessidade de reconhecimento são tensionadas a partir de Paula Sibilia e Axel Honneth, incorporando as evidências empíricas de Paula, Paula e Klemz (2026) sobre o esporte presencial coletivo como contrapeso à ansiedade. Por fim, recorre-se à abordagem humanista de Carl Rogers e à perspectiva existencial de Viktor Frankl para fundamentar o resgate da espiritualidade, da contemplação e da autenticidade nas interações offline, preparando o terreno para as considerações finais que propõem as férias familiares como um ato de resistência cultural.

## **2 A ACELERAÇÃO SOCIAL E A CRISE DA PRESENÇA**

Segundo Hartmut (2019, p. 43-52), a modernidade tardia é marcada pela aceleração social do tempo. O autor afirma que a sociedade contemporânea exige produtividade constante, atualização permanente e capacidade contínua de adaptação. A vida torna-se corrida, fragmentada e orientada pela lógica do desempenho. Nesse contexto, o tempo deixa de ser experimentações e converte-se em gerenciamento. Essa aceleração afeta diretamente as relações familiares. O cotidiano doméstico passa a funcionar sob lógica semelhante à empresarial: excesso de tarefas, ausência de pausas, pressão por resultados e convivência superficial. Muitos pais encontram-se emocionalmente exaustos, incapazes de oferecer presença integral aos filhos. Crianças crescem cercadas por agendas lotadas, estímulos digitais e inter-relações marcadas pela pressa.



Han (2015, p. 25-30) afirma que a sociedade contemporânea produz sujeitos cansados, adoecidos pela autoexploração e pela exigência incessante de desempenho. Para o autor, a lógica neoliberal transforma as pessoas em empresários de si mesmas, produzindo esgotamento emocional e enfraquecimento dos vínculos humanos. Nesse cenário, os períodos de férias familiares podem funcionar como ruptura temporária com a lógica acelerada da vida contemporânea. Mais do que viagens luxuosas ou consumo turístico, o que marca profundamente as crianças são experimentações de convivência, escuta, diálogo e afeto. Uma refeição compartilhada sem distrações digitais, uma conversa longa, uma brincadeira ou um passeio simples podem adquirir pujante valor emocional.

Rosa (2022, p. 201-213), por sua vez, utiliza o conceito de “ressonância” para explicar experiências humanas profundas nas quais o sujeito sente conexão verdadeira com o mundo e com os outros. As férias familiares podem potencializar justamente essa experimentação de ressonância, permitindo que pais e filhos se reconheçam mutuamente para além das funções automáticas do cotidiano. A presença integral torna-se, portanto, um ato de resistência cultural. Em uma sociedade que valoriza produtividade acima das inter-relações humanas, desacelerar para conviver representa uma tentativa de recuperar a profundidade da experimentação afetiva.

Essa engrenagem de aceleração sistêmica e autoexploração voluntária desloca o eixo da vida familiar da gratuidade do afeto para a tirania da eficiência métrica. Ao transformar o lar em um simulacro do ambiente corporativo onde o tempo com os filhos precisa ser cronometrado e otimizado, a sociedade do desempenho confisca a espontaneidade necessária para a eclosão da ressonância. As férias familiares, portanto, emergem não como um mero intervalo funcional para a reposição da força de trabalho, mas como uma trincheira política de resistência existencial. Desacelerar o ritmo cotidiano e suspender o imperativo produtivista significa sabotar a lógica neoliberal, devolvendo à infância o direito ao tempo não administrado e restituindo aos vínculos parentais a profundidade de uma presença que se recusa a ser convertida em mercadoria ou gerenciamento.

### **3 INFÂNCIA, APEGO E MEMÓRIA AFETIVA**

A infância constitui período elementar na edificação emocional e identitária das pessoas. As experimentações afetivas vividas nos primeiros anos de vida influenciam profundamente a forma como crianças percebem a si mesmas, os outros e o mundo. Bowlby (2002, p. 371-384), ao desenvolver a teoria do apego, demonstrou que vínculos seguros são essenciais para o desenvolvimento emocional saudável. Crianças que experimentam inter-relações afetivamente disponíveis tendem a desenvolver maior segurança emocional, autoestima e capacidade de construir relações saudáveis na vida adulta. Os períodos de férias familiares podem fortalecer exatamente esse sentimento de segurança emocional. Quando pais conseguem



dedicar tempo qualitativo aos filhos, a criança experimenta sensação de reconhecimento, pertencimento e acolhimento.

Winnicott (1975, p. 134-145) também enfatiza a importância do ambiente suficientemente bom no amadurecimento emocional infantil. Para o autor, crianças necessitam sentir-se emocionalmente percebidas. O cuidado não se restringe às necessidades materiais, mas envolve disponibilidade afetiva, escuta e presença genuína. Entretanto, a sociedade contemporânea frequentemente limita o convívio familiar a interações funcionais. Pais e filhos compartilham espaços físicos, mas permanecem emocionalmente distantes devido ao excesso de trabalho, às distrações digitais e à fragmentação do cotidiano.

As memórias afetivas da infância não são edificadas apenas por grandes acontecimentos. Muitas vezes, são experimentações simples que permanecem profundamente registradas na memória emocional: uma viagem em família, uma conversa durante um passeio, uma refeição compartilhada ou um momento de acolhimento. Essas experiências tornam-se referências subjetivas importantes. Na vida adulta, muitas pessoas recordam não apenas lugares ou objetos, mas principalmente sentimentos experimentados durante momentos de convivência familiar significativa.

Esse esvaziamento do sensível e o conseqüente afrouxamento dos laços comunitários e familiares no mundo offline cobram um preço alto à saúde mental infantojuvenil, manifestando-se em quadros agudos de ansiedade e isolamento. Caminhando nessa mesma linha de diagnóstico social, Paula, Paula e Klemz (2026) demonstram que as pressões contemporâneas pela performance e pela validação contínua migram silenciosamente para os ambientes de competição escolar, gerando um tensionamento permanente entre o sofrimento emocional e o desejo de conquista. Todavia, a pesquisa dos autores revela que a vivência corporalizada e coletiva como a participação de adolescentes no voleibol dos Jogos Estudantis Paraenses (JEP's), atua como um importante contrapeso terapêutico. Assim como as férias familiares conscientes, a prática esportiva presencial devolve ao sujeito a densidade do erro compartilhado, o suporte mútuo e a construção de memórias afetivas que as mediações algorítmicas são estruturalmente incapazes de oferecer (Paula; Paula; Klemz, 2026).

A articulação entre a base psíquica infantil e as vivências da adolescência evidencia que a proteção contra o adoecimento mental depende da qualidade da presença oferecida pelos adultos. Quando o cotidiano familiar ou os ambientes escolares reproduzem o isolamento e a cobrança mercadológica por desempenho, rompe-se o suporte de sustentação que cada pessoa necessita para amadurecer de forma saudável. Recuperar as férias familiares como um contexto de apego seguro e valorizar as práticas corporais coletivas como o voleibol presencial são ações que operacionalizam na mesma frequência terapêutica. Ambas as esferas devolvem as pessoas a experimentação concreta do acolhimento intersubjetivo, gerando as memórias afetivas necessárias para blindar a saúde emocional desde a infância até os desafios da vida social contínua.



#### **4 PLATAFORMAS DIGITAIS E FRAGMENTAÇÃO DOS VÍNCULOS**

Sibilia (2016, p. 27-39) analisa como as plataformas digitais transformaram profundamente as formas de construção da subjetividade contemporânea. Segundo a autora, vivemos em uma cultura da exposição constante, na qual a experimentação muitas vezes é substituída pela necessidade de registro e exibição pública. Esse fenômeno impacta diretamente as inter-relações familiares. Muitas famílias viajam juntas, mas permanecem emocionalmente desconectadas. O tempo compartilhado transforma-se em conteúdo para redes sociais, enquanto a experimentação concreta perde profundidade.

A lógica algorítmica das plataformas digitais disputa permanentemente a atenção humana. Conversas são interrompidas por notificações; refeições tornam-se atravessadas por telas; momentos afetivos são fragmentados pela hiperconectividade.

Han (2018, p. 11-17) afirma que a hipercomunicação contemporânea não necessariamente produz proximidade emocional. Pelo contrário, o excesso de estímulos pode gerar superficialidade, dispersão e incapacidade de contemplação. Nesse contexto, as férias familiares assumem importância ainda maior. Elas podem representar oportunidade de ressignificação da convivência profunda, possibilitando experimentações de escuta, brincadeira, espiritualidade e diálogo.

O problema não reside exclusivamente na tecnologia, mas na ausência de mediação crítica. Crianças precisam aprender que vínculos humanos não podem ser reduzidos à lógica imediatista das plataformas digitais. A família possui papel elementar nesse processo de mediação emocional e cultural. A conversão da intimidade doméstica em espetáculo e a submissão do tempo familiar ao fluxo das notificações digitais operacionalizam um verdadeiro confisco da experimentação. Sob a vigência do "show do eu" e do ruído ininterrupto do enxame virtual, a presença é reduzida a uma coexistência física desprovida de engajamento psíquico, onde pais e filhos se convertem em espectadores mútuos de suas próprias telas. Romper esse circuito alienante exige que a mediação crítica da família perpassse o mero controle de horários e alcance a coragem da desconexão programada. As férias familiares conscientes e constituem, desse modo, um contexto primordial para essa fratura digital, transformando-se na única contextualização capaz de silenciar os algoritmos para que a voz, o olhar e o ócio compartilhado possam, finalmente, reocupar o centro das interações humanas.

#### **5 FAMÍLIA, RECONHECIMENTO E CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA**

Segundo Honneth (2003, p. 159-179), a constituição da identidade humana depende das experimentações de reconhecimento. A pessoa necessita sentir-se amado, valorizado e percebido em sua singularidade. A infância é decisiva nesse processo. Crianças edificam percepções sobre si mesmas a partir da forma como são olhadas pelos adultos significativos. Quando pais demonstram disponibilidade emocional, interesse genuíno e participação na vida dos filhos fortalecem sentimentos de autoestima e



pertencimento. As férias familiares podem funcionar como contextos privilegiados de reconhecimento afetivo. Durante esses períodos, abre-se possibilidade para conversas profundas, interação intensa e edificação de experimentações compartilhadas.

Rogers (2009, p. 25-35) enfatiza que relações humanas saudáveis dependem de autenticidade, empatia e aceitação. A presença genuína possui potencialidade ativa como elemento transformador. Quando pais conseguem escutar verdadeiramente seus filhos, validando emoções e experimentações, fortalecem vínculos elementares para o desenvolvimento emocional. Além disso, as experimentações vividas em família ajudam a edificar narrativas identitárias. Histórias compartilhadas tornam-se parte da memória emocional das crianças e influenciam a forma como elas percebem sua própria trajetória.

A família não é um contexto perfeito ou livre de conflitos. Entretanto, mesmo em meio às dificuldades, experimentações de convivência afetiva podem produzir marcas emocionais positivas e duradouras. Essa interdependência entre o olhar do outro e a estruturação do "Eu" evidencia que a identidade infantil não se desenvolve no isolamento, mas carece de ancoradouros intersubjetivos seguros. Quando o cotidiano é engolido pelo pragmatismo produtor de invisibilidades, as férias familiares despontam como o momento oportuno para a ativação prática da esfera do amor e da aceitação positiva incondicional. Ao viabilizar um contexto onde a criança é escutada com empatia e despida das máscaras de performance exigidas pelo mundo exterior, os laços parentais operacionalizam uma autêntica validação da singularidade da pessoa. Fortalecer esse contexto de reconhecimento mútuo dentro do lar significa fornecer à infância as narrativas e as marcas emocionais necessárias para a edificação de uma autoestima resiliente, capaz de resistir às dinâmicas de despersonalização e descarte da sociedade contemporânea.

## **6 ESPIRITUALIDADE, CONTEMPLAÇÃO E ENCONTRO CONSIGO**

Outro aspecto relevante refere-se à espiritualidade familiar. Em uma sociedade marcada pelo excesso de estímulos, consumo e aceleração, momentos de silêncio, contemplação e interioridade tornam-se cada vez mais raros. Muitas famílias utilizam os períodos de férias para retiros espirituais, encontros religiosos ou experimentações de reconexão consigo mesmas. A espiritualidade, compreendida não apenas como prática religiosa institucional, mas como busca de sentido, transcendência e profundidade existencial, pode fortalecer vínculos familiares e promover experimentações emocionais significativas.

Frankl (2008, p. 91-97) afirma que o ser humano necessita encontrar sentido para sua existência. Famílias que cultivam contextos de diálogo, espiritualidade e reflexão contribuem para a formação ética e emocional das crianças. Além disso, experimentações espirituais compartilhadas podem favorecer sentimento de solidariedade, pertencimento e acolhimento. Conversas sobre valores, práticas de gratidão e convivência comunitária ajudam crianças a compreenderem que a vida não se resume ao consumo e ao desempenho.



As férias podem tornar-se contextos privilegiados para desacelerar, refletir e fortalecer relações humanas profundas. Em meio à hiperconectividade contemporânea, recuperar experimentações de contemplação e presença afetiva torna-se um gesto de resistência cultural. Esse resgate da interioridade e da transcendência no contexto das férias familiares atua como o antídoto definitivo contra o vazio existencial gerado pelo ativismo mercadológico. Ao substituir o imperativo do consumo e da visibilidade digital por momentos de silêncio, partilha ética e contemplação, a família reativa a "vontade de sentido" teorizada por Frankl, vacinando a infância contra o tédio crônico e a ansiedade contemporânea. As férias convertem-se, essencialmente, no santuário temporal onde a pessoa se desliga das métricas externas para se religar ao que há de mais profundo em si e no outro. Cultivar essa desaceleração reflexiva e espiritualizada deixa de ser um mero capricho subjetivo e assume o estatuto de uma emancipação política ativo, fixando na subjetividade da criança a certeza de que o valor da vida reside na dignidade do ser, do conviver e do partilhar, e não na engrenagem utilitarista do performar.

## **7 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As transformações da sociedade contemporânea produziram impactos significativos nas inter-relações familiares. A aceleração social, as exigências do trabalho, a hiperconectividade e a lógica do desempenho reduziram os contextos de convivência profunda entre pais e filhos. Nesse cenário, os períodos de férias escolares adquirem enorme importância emocional e simbólica. O presente artigo buscou demonstrar que esse tempo de pausa não deve ser compreendido apenas como lazer ou consumo turístico, mas como possibilidade de ressignificação dos vínculos afetivos, fortalecimento da presença emocional e edificação de memórias significativas na infância.

Autores como Hartmut Rosa e Byung-Chul Han permitiram compreender como a aceleração contemporânea fragiliza as experimentações humanas profundas. John Bowlby e Donald Winnicott, demonstraram a importância dos vínculos afetivos seguros no desenvolvimento infantil, enquanto Paula Sibilía, contribuiu para a reflexão sobre os impactos da espetacularização digital. Axel Honneth e Carl Rogers ajudaram a compreender a centralidade do reconhecimento e da presença genuína na constituição da identidade. Em perfeita consonância com esse arcabouço, a pesquisa empírica de Paula, Paula e Klemz (2026), expandiu o diagnóstico dessa vulnerabilidade infantojuvenil, demonstrando que as pressões por performance migram para as arenas escolares, mas evidenciando que os territórios de presença corporalizada e coletiva a exemplo do voleibol atuam como potentes contrapesos terapêuticos e afetivos.

As memórias construídas na infância possuem gigantesco potencial formativo. Muitas vezes, o que permanece na vida adulta não são objetos materiais ou conquistas produtivas, mas experimentações afetivas, vividas em família. Uma viagem simples, uma conversa significativa, uma refeição compartilhada ou um momento de escuta transformam-se em referências emocionais contínuas. O artigo, contudo, também



alerta para a necessidade de mediação crítica das tecnologias digitais. Não basta o estar fisicamente junto; é imperativo edificar presença integral. Famílias que permanecem permanentemente conectadas às plataformas digitais correm o risco de empobrecer suas experimentações relacionais.

Recuperar tempos de convivência profunda, desaceleração e escuta afetiva constitui um desafio urgente da contemporaneidade. Em uma sociedade marcada pela fragmentação e pela cultura do desempenho, cultivar experimentações significativas seja no microssistema do lar ou nos contextos de vivência comunitária e esportiva torna-se não apenas importante para o desenvolvimento, mas também um gesto de resistência humana e política diante da lógica produtivista do mundo atual.

Diante desse panorama, a emancipação das pessoas em relação às amarras do produtivismo contemporâneo exige uma redefinição radical do valor atribuído aos tempos de pausa e de partilha comunitária. Os achados teóricos e empíricos mobilizados ao longo deste estudo convergem para a certeza de que tanto o microssistema do lar quanto as quadras do esporte estudantil presencial partilham da mesma urgência: a salvaguarda da dignidade humana frente ao esvaziamento digital. Propiciar à infância e à adolescência territórios imunes à lógica da validação algorítmica e da performance ininterrupta deixa de ser uma concessão acessória e assume o papel de um imperativo ético. Conclui-se, portanto, que defender o direito às férias familiares conscientes, ao ócio contemplativo e ao erro corporalizado compartilhado constitui a estratégia pedagógica mais contundente para descolonizar o tempo social, garantindo que as futuras gerações encontrem sentido na crueza do afeto presencial e finquem suas identidades na solidez de memórias que nenhuma plataforma virtual será capaz de simular.

## REFERÊNCIAS

BOWLBY, John. **Apego e perda**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FRANKL, Viktor. **Em busca de sentido**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HAN, Byung-Chul. **No enxame: perspectivas do digital**. Petrópolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento**. São Paulo: Editora 34, 2003.

PAULA, Marco Antônio Teixeira de; PAULA, Silvia Clicia Corrêa dos Santos de; KLEMZ, Charles. **Entre a ansiedade e a conquista: experiências emocionais de adolescentes no voleibol dos Jogos Estudantis Paraenses (JEP's)**. Revista Aurum, v. 2, n. 4, p. e006, 2026. Disponível em: <https://doi.org/10.63330/armv2n4-006>. Acesso em: 24 maio 2026.

ROGERS, Carl. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.



ROSA, Hartmut. **Aceleração**: a transformação das estruturas temporais na modernidade. São Paulo: Unesp, 2019.

ROSA, Hartmut. **Ressonância**: uma sociologia da relação com o mundo. São Paulo: Unesp, 2022.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

WINNICOTT, Donald. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.